

ENTRE A INTELIGÊNCIA COLETIVA E O CULTO DO AMADOR: REFLEXÕES SOBRE O EXERCÍCIO DA FILOSOFIA NO AMBIENTE VIRTUAL

Daiane Martins Rocha¹, Wesley Felipe de Oliveira²

¹UFSC/Departamento de Metodologia do Ensino/ daiane.mar@gmail.com

²UFSC/Programa de Pós-Graduação em Filosofia/ wesley.filosofia@hotmail.com

Resumo – De certa forma, todos são seres inteligentes e possuem seus conhecimentos. Segundo o filósofo francês Pierre Lévy (1956-), autor do livro *Cibercultura*, quando todos pensarem desta forma, exaltando a inteligência coletiva, será dado um passo importante para o aumento do entendimento de cada um. Mas enquanto Pierre Lévy defende que reconhecer a inteligência dos demais indivíduos e seu potencial faz parte da inteligência coletiva, e, portanto, não se pode menosprezar nem subjugar ninguém, o autor norte-americano Andrew Keen (1960-) faz uma análise crítica acerca do “culto do amador”, expressão utilizada para se referir ao fenômeno das redes sociais, blogs, YouTube, Twitter, Wikipédia e demais ferramentas onde as pessoas expõem seus conhecimentos, nem sempre confiáveis. Esse é um dos grandes riscos da cultura cibernética, pois, segundo Keen, no espaço virtual todos podem se colocar na posição de detentores de saberes e informações que não necessariamente são bem fundamentados. Como podemos ensinar a filosofar nesse contexto que caminha frente a esses dois extremos, de por um lado, valorizar a inteligência coletiva colocada em contato pela cultura cibernética, e por outro, não ignorar as reflexões e respostas obtidas pela filosofia ao longo desses mais de 2500 anos de história?

Palavras-chave: Inteligência coletiva. Cibercultura. Culto do Amador. Filosofia. Ensino à Distância.

Abstract – In certain way, all the human beings are intelligent and hold their own knowledge. According to the French philosopher Pierre Lévy (1956-), writer of the book *Cyberculture*, when everyone begin to think in this way, exalting the collective intelligence, a large step will be taken to increase the understanding of each other. But while Pierre Lévy argues that recognizing the intelligence of other individuals and their potential is part of the so called collective intelligence, and therefore, nobody's knowledge can be neglected or subdue, the American author Andrew Keen (1960-) makes a critical analysis of the "cult of the amateur" a term used by him to refer to the phenomenon of social networks, blogs, YouTube, Twitter, Wikipedia and other tools where people expose their knowledge, not necessarily reliable. This is one of the major risks of cyberculture, because, according to Keen, in cyberspace everybody can put themselves as the holder of knowledge and information that are not necessarily a well-founded position. How can we teach Philosophy in this context that goes between these two extremes, on the one hand, to enhance collective intelligence brought into contact by cyberculture, and secondly, to ignore the reflections and responses by philosophy along these over 2500 years of history?

Keywords: Collective Intelligence. Cyberculture. Cult of the amateur. Philosophy. On Distance Learning.

Introdução

As transformações tecnológicas e digitais ocorridas nas últimas décadas inseriram uma grande mudança na vida social e individual, sobretudo no que se refere ao acesso ao conhecimento. No caso do exercício da Filosofia, tal como em outras áreas, o ambiente físico de estudo tem migrado para um ambiente virtual. Esse novo ambiente mediado pela tecnologia da informação conta hoje com muitas facilidades que vão desde a disponibilidade dos materiais na internet, tais como livros clássicos do pensamento filosófico e artigos produzidos por professores e pesquisadores, até a possibilidade de envolver-se em discussões e publicação de comentários sobre os temas filosóficos compartilhados nos meios digitais, principalmente os blogs, as redes sociais, e vídeos compartilhados em sites como o Youtube. Assim, é possível ao indivíduo tanto acessar esses conteúdos, comentá-los, criticá-los, fazer uso deles para aprimorar o seu próprio conhecimento, quanto ele próprio produzir o seu material e disponibilizá-lo na Web por meio dessas mídias virtuais.

Quando se trata do exercício filosófico no ambiente virtual, o grande desafio é que esse exercício não seja ofuscado pela mera apropriação de conteúdos produzidos tanto por pesquisadores e professores, disponibilizados em revistas especializadas em filosofia, compostas por um corpo editorial e adequando-se aos critérios de qualidade da Capes (*Qualis*), por exemplo, mas também de materiais produzidos de modo amador, principalmente os que são oriundos de blogs, vídeos, redes sociais e enciclopédias online como a Wikipédia, em que qualquer pessoa pode a qualquer momento modificar o conteúdo de um verbete sem que isso passe por uma avaliação criteriosa para analisar este conteúdo.

A ideia de inteligência coletiva, conforme defendida pelo filósofo francês Pierre Lévy, parte do respeito e da valorização dos conhecimentos que cada indivíduo traz consigo, contudo, devem ser feitas algumas ressalvas, para que não ocorra uma mera apropriação desses conhecimentos de forma acrítica. Os debates que ocorrem no ambiente virtual podem ser muito relevantes para o exercício da Filosofia, desde que estejam cientes de que muitas das questões que levantadas hoje já foram abordadas por outros pensadores, e que é possível fazer uso tanto da tradição filosófica existente como da inteligência coletiva colocada em contato por conta da internet. A questão é: que tipo de uso é feito do material disponível? A internet pode ser um campo onde muita informação, opinião e conteúdo diverso é compartilhado, mas disto, pouca coisa é profundamente refletida ou transformada em conhecimento. Nesse sentido, há muito que se aprender e analisar acerca do exercício da filosofia, caracterizado principalmente pela capacidade de leitura aprofundada e atenciosa e escrita rigorosa, e a cultura digital, marcada em muitos sentidos pelo fluxo de rapidez na informação.

A *cultura digital* ou *cibercultura*, conforme define Lévy, é o fenômeno em que

as relações humanas são fortemente mediadas por tecnologias, que são utilizadas para diversas finalidades: obter informações, manter as pessoas em comunicação, para o lazer e para a produção de cultura. Para uma maior compreensão desse contexto da cultura digital, em um primeiro momento serão abordados alguns aspectos do pensamento de Lévy acerca da *cibercultura* e da *inteligência coletiva*. Na sequência, serão apresentadas algumas críticas ao mau uso dessa inteligência coletiva e à como a era da informação e principalmente a da disponibilização de material criado pelo próprio usuário trouxe consigo outra questão, abordada por Andrew Keen: a do *culto do amador*, que como o próprio nome diz, coloca “amadores” como indivíduos detentores de conhecimento, ainda que não tenham condições ou qualificações para fundamentar suficientemente suas posições.

Por fim, buscam-se soluções para estimular a criatividade e a capacidade de aprendizado e pensamento dos estudantes a produzirem suas próprias reflexões e conceitos, ao invés da mera apropriação dos materiais que já existem na internet. Como aperfeiçoar o uso da Web no EaD apesar dos problemas apresentados por esse “amadorismo” ou mesmo os casos de plágio, ainda que sem a pretensão? É o que será desenvolvido nas páginas que se seguem.

1. Pierre Lévy: Cibercultura¹ e Inteligência Coletiva

Pierre Lévy se autointitula como um otimista em relação à cibercultura. Ele a define a como um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2010, p. 17). Dentro desse contexto da cibercultura surge a ideia de uma inteligência coletiva, apresentada por Lévy nos seguintes termos:

“[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. E [...] a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas e hipostasiadas”. (LÉVY, 2003, p. 28-29)

O que está em jogo é o ambiente virtual como aquele que possibilita a cooperação e crescimento mútuos, onde cada um pode colaborar com aquilo que sabe, caracterizando, portanto, a *inteligência coletiva* como o fruto dessa interação e troca de informações e conhecimentos. Como ilustrado pelo autor com o exemplo do dilúvio, ele escreve que estamos em um “segundo dilúvio”: um dilúvio de

¹ Para a breve reconstrução da ideia de cibercultura de Pierre Lévy e uma análise desse fenômeno frente ao exercício da Filosofia na modalidade EaD são examinados, sobretudo, os capítulos 10 e 11 do livro *Cibercultura*, onde Lévy trata da nova relação com o saber que ocorre com a cibercultura e também as mutações da educação e o novo papel dos professores nesse contexto.

informações diversas. Mas, ao contrário da narrativa bíblica, em que a arca repousa em um cume de uma montanha, na era da informação é justamente o oposto, ou seja, não existe mais esse porto seguro. Estamos em um dilúvio constante. Contudo, observa Lévy, não há *uma* arca, mas *várias* arcas, em que cada tripulante escolhe o que gostaria de conservar na sua arca. A reflexão de Lévy aponta para o fato de que, ainda que existam “várias arcas” no contexto de avanço das telecomunicações, elas estão todas interligadas, e ainda que não haja nenhum fundo sólido sob o oceano das informações, há uma espécie de novo universal, concepção essa que ilustra bem a inteligência coletiva: uma universalidade que pode estar estabelecendo um diálogo utilizando termos em comum, mas ainda assim, é uma universalidade em constante mudança. Existe uma interconexão entre as “arcas” da cultura digital, mas elas estão em renovação permanente. É o que Lévy chama de universalidade intotalizável, isto é, o dilúvio de informações é universal, mas o conteúdo das arcas é intotalizável e seguem à deriva. Nas palavras do filósofo:

“A arca do primeiro dilúvio era única, estanque, fechada, totalizante. As arcas do segundo dilúvio dançam entre si. Trocam sinais. Fecundam-se mutuamente. Abrigam pequenas totalidades, mas sem nenhuma pretensão ao universal. Apenas o dilúvio é universal. Mas ele é intotalizável”. (LÉVY, 2010, p. 16)

A inteligência coletiva é, portanto, fruto dessa miscelânea de informações contidas em cada grupo/arca e compartilhada e apropriada por outros grupos/arcas. A vantagem maior da inteligência coletiva é que ela parte de uma troca de conhecimentos mais democratizada, e não de uma posição totalitária ou burocrática. Nesse caso, segundo Lévy, são estimuladas as capacidades de escutar e atender ao outro, e os que forem capazes de assim o fazer, ganham muito com a inteligência coletiva, pois há uma cooperação mútua em busca de informações e conhecimento.

Em seu livro *A inteligência Coletiva* (2003), Pierre Lévy sustenta que a inteligência está distribuída por toda a parte, pois ninguém sabe de tudo, no entanto, todos sabem de alguma coisa, de modo que todo o conhecimento está na humanidade. A cultura digital permite a comunicação entre todo esse conhecimento que está na humanidade. E isso é a inteligência coletiva. E seu pressuposto é o de valorização da inteligência de cada ser humano e do conhecimento que ele traz consigo.

Percebe-se a partir dessa contextualização, que para refletir sobre o exercício da Filosofia na modalidade EaD é necessário perceber que há uma mutação contemporânea da relação que as pessoas tem com o saber. Essa mutação ocorre, sobretudo, em função de três fatores: 1) velocidade; 2) trabalho como produção ininterrupta de conhecimentos e transmissão de saberes; 3) tecnologias intelectuais fornecidas pelo ciberespaço (LÉVY, 2010, p. 159).

A velocidade é um fator importante nessa análise, pois o surgimento e a renovação dos saberes ocorre a todo o momento nesse contexto digital, e o que um profissional aprende no início de sua carreira, com dez anos de profissão (ou até bem menos), certamente já estará defasado. Essa é uma vantagem que se tem no

exercício da Filosofia: ainda que as questões de cada tempo possam ser diferentes e exijam uma nova reflexão a cada nova problemática que se apresenta, os conceitos apresentados ao longo da história da Filosofia permanecem sendo os mesmos, e podendo servir de base para a investigação de problemas atuais.

Outra questão é de que o trabalhar significa cada vez mais produzir e difundir conhecimentos. Esse ponto aflige o exercício de Filosofia no EaD por conta das muitas atividades propostas aos estudantes, que precisam a todo o tempo atender às demandas de produção intelectual de cada disciplina. É preciso produzir. Se um estudante ou uma estudante não faz comentários no fórum constantemente, não faz perguntas e não propõe discussões profundas no chat ou por meio de mensagens, em geral se conclui que este ou esta estudante não está “aprendendo”.

Por fim, entre esses três itens de mutação da relação que ocorre do ser humano com o conhecimento no contexto do ciberespaço é o uso das tecnologias intelectuais. Um exemplo disso são as memórias dinâmicas, isto é, através da Web é possível compartilhar documentos digitais ou programas disponíveis na rede aumentando o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos. Todo esse conhecimento é facilmente reproduzível ou transferível. E no caso do exercício da Filosofia no EaD é possível que por conta dessas tecnologias intelectuais o estudante se exima de fazer o exercício filosófico, limitando-se a se apropriar de uma reflexão já feita por outra pessoa.

Essa mudança na relação que se tem hoje com o saber, por conta do ciberespaço², exige dos professores, tutores e estudantes do EaD um questionamento acerca das mentalidades e cultura dos sistemas educacionais tradicionais, sobretudo, os papéis de professor e de aluno. A cibercultura, sendo o novo contexto no qual a educação (presencial, semipresencial ou à distância) ocorre, pressupõe também uma mudança na mentalidade e no enfrentamento dos posicionamentos fragmentados que percebem os meios digitais como meros instrumentos utilizados com uma simples adaptação aos métodos de ensino tradicionais.

A cibercultura traz novas relações com o conhecimento e exige novas competências dos estudantes e professores. Não cabe ao professor simplesmente “trazer o conhecimento”, ou ao aluno “aprender o que o professor trouxe”. É o perceptível que entre as competências a serem desenvolvidas em um estudante do EaD é o de ser um pesquisador nato, e possivelmente, um tanto quanto autodidata, pois ele tem acesso a uma infinidade de materiais e o papel do professor passa a ser o de um mediador que incentiva a aprendizagem e o pensamento, e não o que “traz o conhecimento”. Essa mudança na relação professor-aluno por conta da gigantesca gama de saberes disponibilizados através da Web faz com que Pierre Lèvy caracterize o professor como um “animador da Inteligência coletiva”, de modo que sua atuação será centrada no “incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem

² Pierre Lèvy define o ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (2010, p. 94).

etc. (LÉVY, 2010, p. 173).

Assim, na cibercultura a educação se dá através da troca generalizada de saberes e do ensino da sociedade por ela mesma através do acesso à inteligência coletiva de várias partes do mundo por meio da Web.

“É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências”.
(LÉVY, 2010, p. 174)

Nesse contexto, cabe aos poderes públicos fornecerem uma formação elementar de qualidade, para que as pessoas tenham condições de acessar ao conhecimento disponível na Web e, além disso, permitir e promover acesso a esse ciberespaço e também à centro de orientação de como utilizar esses meios, pois a mediação humana é indispensável para que esse acesso à inteligência coletiva ocorra.

Tendo esse panorama em mente, constata-se que os indivíduos aprendem e aprenderão cada vez mais fora do sistema acadêmico e por isso é necessário que se desenvolva maneiras de reconhecer esses saberes adquiridos na vida social e profissional (LÉVY, 2010, p. 177).

A cibercultura pode ser considerada como uma revolução do acesso ao conhecimento e na construção pessoal dos próprios saberes, porque ao invés de o conhecimento ser algo reservado a uma elite de intelectuais de cada sociedade, hoje ele se espalha e difunde por meio de páginas da internet, redes sociais, blogs, etc., de modo que o acesso aos saberes fica à distância de um “clique”. Esse fenômeno rompe com um certo “monopólio do saber”, onde alguns detentores de certos saberes os transmitiam conforme seus próprio interesses, muitas vezes limitando as pessoas a uma única linha de pensamento. O ciberespaço torna possível às pessoas o acesso ao conhecimento de diferentes posições políticas, religiosas, científicas etc., que dificilmente estariam disponíveis aos indivíduos antes da Web.

Portanto, para essa nova cultura devem surgir novas formas de se fazer o exercício filosófico, dada a diversidade de problemáticas e conceitos que a inteligência coletiva de diferentes pontos do mundo acrescenta a cada indivíduo.

Após ter apresentado, ainda que em linhas gerais, o que seja a cibercultura e a inteligência coletiva que é expandida a partir dessa, apresenta-se a seguir a análise de como essa inteligência coletiva pode ser, na verdade, um grande culto ao conhecimento amador, pois na ânsia de valorizar os conhecimentos que cada um tem a oferecer, corre-se o risco de aceitar muitas opiniões, informações ou “conhecimentos” equivocados, como será examinado a seguir.

2. O culto do amador

Ao contrário dos entusiastas da era do conhecimento digital disponível na Web, como é o caso de Pierre Lévy, apresentado anteriormente, o escritor americano

Andrew Keen entende que a internet tem colocado em risco muitos de nossos valores morais, nossa cultura e economia. Suas razões para isso são de que cada vez mais as informações obtidas na internet que são tomadas como verdadeiras provêm de fontes não confiáveis, cuja veracidade não é verificada e que tem acabado com a criatividade artística e intelectual das pessoas, dando origem a uma geração de plagiadores. “[...] a democratização, apesar de sua elevada idealização, está solapando a verdade, azedando o discurso cívico e depreciando a expertise, a experiência e o talento” (KEEN, 2009, p. 19).

Apesar da promessa de a Web disponibilizar mais informação com maior profundidade a um grande número de pessoas e em muitos lugares, trazendo uma perspectiva global dos assuntos e acontecimentos para formar uma opinião imparcial, o que se tem na realidade é algo muito diferente. A imensa quantidade de materiais produzidos por usuários da internet e disponibilizado em seus blogs, redes sociais como o Facebook, Google+, Skype, Instagram e Twitter, compartilhados em forma de vídeos e demais sites criados por usuários, “tem proporcionado observações superficiais do mundo à nossa volta, ao vez de análise profunda, opinião estridente, em vez de julgamento ponderado”, (KEEN, 2009, p. 19). Por conseguinte, com grande parte do material disponibilizado por usuários anônimos, Keen observa que a principal consequência ocasionada pela revolução da Web 2.0³ é um contexto marcado por “menos cultura, menos notícias confiáveis e um caos de informação inútil. Uma realidade arrepiante dessa admirável nova época digital é o obscurecimento, a ofuscação e até o desaparecimento da verdade” (KEEN, 2009, p. 20).

O autor cita o caso da Wikipédia, uma enciclopédia livre e virtual onde cada usuário pode criar, escrever, alterar o conteúdo de um verbete, sem que isso passe por um corpo editorial formado por especialistas sobre o assunto para avaliar a veracidade ou a procedência deste conteúdo. Na Wikipédia o consumidor do conhecimento também é o criador do conhecimento. Desse modo, a democratização do conhecimento tem feito com que, por exemplo, o conhecimento de um especialista em Revolução Francesa tenha o mesmo significado que de um estudante de segundo grau que saiu de uma aula de história e escreveu algo que considerou interessante no verbete Revolução Francesa na Wikipédia, sem que aquilo passasse por um corpo editorial de especialistas que verificassem o conteúdo ali escrito, tal como ocorre, por exemplo, na Enciclopédia Britânica.

Ainda que a Wikipédia não seja uma fonte de pesquisa incentivada nos cursos universitários, o fato é que ela é um dos sites mais visitados e usados como fonte de pesquisa e até mesmo plágio. Nisso reside o maior problema, ou seja, quando estudantes que estão sendo alfabetizados na era da democratização do conhecimento proporcionado pela revolução da Web, tomam o conteúdo desses sites e outros semelhantes como fonte primária de informação e saber ao invés de

³ Web 2.0 é – o conjunto de comunidades e serviços on-line que se desenvolveram a partir de 2004 e que incentivam a participação dos próprios usuários nos conteúdos da Web (blogs, Facebook, Orkut, YouTube, Twitter, Wikipédia etc) e passa a fazer parte do cotidiano das pessoas.

artigos e livros produzidos por especialistas da área. Ainda que artigos e livros escritos por especialistas sejam citados em verbetes da Wikipédia, de um modo geral eles aparecem desfragmentados, descontextualizados e raramente são verificados para ver se correspondem a ideia do texto original a que se referem.

Quando sites como a Wikipédia, aparecem sempre como os primeiros nos mecanismos de busca, isso não ocorre porque sejam os mais confiáveis, mas porque nos resultados de busca os links são classificados segundo o maior número de buscas anteriores, ou seja, aqueles que são os mais acessados pelos usuários da Web. Por isso, observa Keen: “no mundo da Web 2.0, as massas tornaram-se a autoridade que determina o que é e o que não é verdadeiro” (KEEN, 2012, p. 90). É esse conhecimento de massas, ou se quisermos chama-lo de “inteligência coletiva”, que como tal:

“[...] respondem a nossas indagações não com o que é mais verdadeiro ou mais confiável, *mas simplesmente com o que é mais popular*. Em consequência, nosso conhecimento – sobre todas as coisas, seja política, acontecimentos atuais, literatura ou ciência – está sendo moldado pura e simplesmente pelo acúmulo de respostas. O mecanismo de busca é um registro histórico quantitativo das solicitações anteriores. Assim, tudo o que o mecanismo de busca oferece é um sistema de classificação que nos devolve a sabedoria das massas. [...] O problema, porém, é que a geração da Web 2.0 está tomando os resultados dos mecanismos de busca como verdades inquestionáveis.”(KEEN, 2009, p. 90-91)

Keen explica que quando digitamos algumas palavras ou conceitos ou mesmo fatos históricos no sistema de busca do Google, ocorre que “estamos de fato criando algo chamado ‘inteligência coletiva’, a sabedoria total de todos os usuários Google” (KEEN, 2009, p. 11). E pela lógica do mecanismo de busca por algoritmos, o sistema acaba sendo um instrumento que reflete apenas uma “sabedoria” das massas. Isso significa que quanto mais pessoas acessam um link que resulta de uma busca, mais provável se torna que esse link apareça em buscas subsequentes. Assim, a tecnologia do mecanismo de busca é “uma agregação dos 90 milhões de perguntas que fazemos coletivamente ao Google a cada dia; em outras palavras, ele só nos diz o que já sabemos” (KEEN, 2009, p. 11).

Desse modo, a fonte de conhecimento e informação, que pelo modo tradicional advinha de especialistas, ou seja, de profissionais que se dedicaram décadas de pesquisa sobre um assunto, atualmente foi substituída por sites da Web que disponibilizam materiais sem verificação editorial, sem consulta das fontes citadas, escrita por amadores ou ainda acessada em razão da quantidade e não da qualidade ou verdade sobre um determinado assunto ou acontecimento.

O principal problema que podemos apontar com esse contexto de materiais amplamente disponíveis e de fácil e livre acesso é do plágio. Nunca foi tão fácil e tentador plagiar um trabalho de escola, um artigo científico, uma ideia, uma fotografia, etc. Keen cita um estudo realizado no ano de 2005 nos EUA pelo *Center*

for Academic Integrity com 50 mil alunos de graduação, revelando que 70% dos universitários admitiram ter praticado alguma forma de trapaça e plágio, e 77% deles não consideravam isso um problema grave. Keen entende que “a revolução digital está criando uma geração de ladrões do recorta e cola que veem todo o conteúdo na internet como uma propriedade comum” (KEEN, 2009, p. 136), ao invés de um meio pelo qual o aprendizado e o conhecimento são desenvolvidos e apreendidos. Até mesmo clérigos, padres e pastores estão baixando e plagiando sermões. Estudantes têm recorrido constantemente a Wikipédia e demais sites para entregarem rapidamente seus trabalhos. Profissionais de diversas áreas fazem varreduras na Web em busca de ideias para “se inspirar”, pulando uma etapa importante do laborioso processo de trabalho criativo. Mesmo que os próprios criadores de seus produtos artísticos ou intelectuais – romance, poesia, slide de aula, vídeo aula disponibilize e compartilhe seu material na Web, isso torna muito mais fácil e altamente tentador simplesmente fazer um download de algo já pronto do que exercer e desenvolver as próprias capacidades para preparar aulas, sermões, músicas, trabalho de escola, etc. É simplesmente fácil e irresistível usar os esforços criativos de outra pessoa já disponíveis gratuitamente.

“O fato é que cooptar o trabalho criativo de outras pessoas – seja compartilhando arquivos, baixando filmes e vídeos, ou apresentando o escrito de outros como seu – é não somente ilegal, na maioria dos casos, como imoral. No entanto, a aceitação generalizada desse comportamento ameaça solapar uma sociedade construída com trabalho árduo, inovação e realização intelectual de nossos escritores, cientistas, artistas, compositores, músicos, jornalistas, críticos e cineastas”. (KEEN, 2009, p. 138)

O maior desafio no ensino à distância, sobretudo no exercício filosófico, é perceber que muitos estudantes tem utilizado essa inteligência coletiva de forma inapropriada, em que a Wikipédia, o Google, o Facebook, Blogs etc, acabam sendo a fonte principal e primária na pesquisa e na formação de conhecimento dos estudantes, que muitas vezes nem ao menos refletem sobre os conteúdos lidos, mas simplesmente se apropriam deles, tomam aquilo como verdade, não verificam a fonte e usam para a produção retalhada de seus artigos científicos ou trabalhos escolares e acadêmicos. O fato é que:

[...] os estudantes que trapaceiam não estão aprendendo genuinamente nada. E ao privar artistas e escritores dos royalties que lhe são devidos, não estão apenas prejudicando aqueles de quem furtam – no fim das contas, estão prejudicando a todos nós (KEEN, 2009, p. 138).

Temos consciência de que o plágio ocorria mesmo antes da internet, contudo, ainda que um trabalho de escola fosse plagiado em tempos antes desse “dilúvio de informações” da Web, ao menos o plagiador teria lido linha por linha para redigi-lo. Ao

contrário de hoje em que além de plagiar, o indivíduo não aprende com aquilo que ele próprio plagiou, pois apenas “copia, cola e envia”.

É importante nos atentarmos também a um problema que nos últimos anos vem sendo estudado por psicólogos e neurocientistas acerca dos efeitos do uso prolongado que a internet tem causado no cérebro e na mente dos indivíduos. Segundo Richard Carr, em seu livro *Geração Superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros* (2011), o intenso uso da internet que preenche quase todas as dimensões cotidianas da vida, como o trabalho, estudo, lazer, entretenimento, informação, etc., tem causado alterações físico-químicas no cérebro, levando ao não desenvolvimento de certas capacidades cognitivas ou a sua perda em razão do desuso. A capacidade para o pensamento linear, concentrado, refletido, profundo, focado em uma linha de pensamento e sem distrações está sendo substituída por uma forma de pensamento caracterizado pela dispersão, não fixação na memória, desconexa e ansiosa por uma maior quantidade de dados alcançados de maneira cada vez mais rápida. Aquilo que é chamado de “capacidade para múltiplas tarefas” é possibilitado pelo uso do computador e da internet. Em uma mesma tecnologia é possível ouvir música, ler textos, verificar as notícias, assistir filmes e programas de televisão, receber mensagens, publicar mensagens, acessar e-mails, fazer downloads de programas, conversar com outras pessoas, etc. Isso torna o uso da internet uma potencial fonte de distração, perda da capacidade de concentração, ansiedade por verificar informações e mensagens instantâneas.

A navegação na Web exige uma forma particularmente intensa de multitarefas mentais. Além de inundar nossa memória de trabalho com informação, o malabarismo – como denominam os cientistas do cérebro, “custos de comutação” à nossa cognição. Toda vez que deslocamos nossa atenção, o nosso cérebro tem que se reorientar novamente, exercendo mais pressão sobre os nossos recursos mentais [...] Muitos estudos demonstraram que a comutação entre apenas duas tarefas pode incrementar substancialmente a nossa carga cognitiva, impedindo o nosso pensamento e aumentando a probabilidade de que passemos por cima ou interpretemos mal informações importantes. [...] De bom grado aceitamos a falta de concentração e de foco, a divisão da nossa atenção e a fragmentação dos nossos pensamentos, em troca da abundância de informação premente ou, pelo menos, divertida que recebemos. Desligar não é uma opção que muitos de nós consideraríamos (CARR, 2011, pp. 184-6).

A virtualidade no ensino, na aprendizagem e na pesquisa pode colocar em risco muitas importantes capacidades exigidas para uma boa educação. A capacidade de aprender novos conceitos ou interpretar fatos fica comprometida quando ela se dá em um contexto de múltiplas distrações causadas, que podem ser causadas tanto em um ambiente físico, mas também em um ambiente virtual mediado por uma tecnologia que armazena em si inúmeras fontes de distração. O condicionamento da mente em um fluxo de continua mudança e distrações pode tornar o processo de aprendizado muito acelerado, tornando fragmentada e desatenta a leitura de textos filosóficos, a

reflexão profunda sobre os argumentos e a capacidade de criar e articular parágrafos e frases conexas no exercício da escrita.

Como podemos utilizar essa inteligência coletiva de modo verdadeiramente produtivo e educacional, que estimule e desenvolva a capacidade de pesquisa, reflexão, criatividade na escrita, e não como uma ferramenta de comodismo e atrofiamento intelectual? Como ajudar os estudantes do ensino a distância a usarem a Web de modo a possibilitar o exercício filosófico deles próprios e de outros? Esses tópicos são tratados a seguir, onde partimos aos aspectos práticos dessa discussão.

3. O exercício da Filosofia no ambiente virtual

Para que se possa fazer um uso adequado da inteligência coletiva disponibilizada através da Web sem que o exercício filosófico seja deixado de lado, ou ainda, sem que nossa sociedade considere como conhecimento posições não argumentadas, o que se caracterizaria como isso que Keen chamou de “o culto do amador, são apresentadas a seguir algumas possibilidades para o exercício filosófico no EaD.

Uma das propostas a ser desenvolvidas com os estudantes do Ead e também do ensino presencial é a conscientização para o uso crítico de materiais disponíveis na internet. Devem ser aconselhados sites de universidades, revistas com corpo editorial, artigos escritos por pesquisadores que demonstram ao menos uma longa dedicação a pesquisa do assunto discutido. A internet tem facilitado o acesso a obras clássicas do pensamento filosófico e que já são consideradas de domínio público. Muitas dessas obras estão disponíveis tanto em seus idiomas originais quanto traduzidos. No entanto, é preciso obviamente, estar atento não ao mero acesso a essa obra, que muitas vezes pode não ser encontrada em alguma biblioteca, mas sim a sua leitura direta e aprofundada. A leitura de livros digitalizados pode levar a uma fragmentação leitura por meio do sistema de busca de palavras chave, o que leva o leitor a pular partes importantes do texto, fazendo-o com que muitas vezes tenha apenas uma leitura superficial do livro ou artigo lido. Os estudantes devem ser alertados e orientados acerca do tipo das fontes dessa inteligência coletiva compartilhada na Web para poderem ser utilizadas com mais segurança e atendendo a sua real finalidade.

Quanto ao problema do plágio e da paráfrase sem citação, algo muito facilitado pelo sistema “copiar/colar”, pode ser discutido também nas primeiras fases dos cursos quando se enfatiza o ensino de filosofia como um exercício que deve ser realizado individualmente, e que não há ganho algum em trilhar apenas caminhos já percorridos por outros pensadores, ainda que possa parecer cômodo. O estudante precisa passar pelo processo de criação de um texto filosófico a partir de suas próprias capacidades, que por sua vez só serão desenvolvidas por meio do exercício contínuo. Ao se exigir um trabalho, por exemplo, sobre o cógito cartesiano, é importante orientar o aluno a buscar antes de tudo fontes primárias, ou seja, os próprios livros do filósofo Descartes, lê-los profundamente e refletir sobre eles, acompanhado da leitura de livros e artigos de pesquisadores que tenham uma produção consistente e científica acerca do assunto. Sites como a Wikipédia podem ser úteis para informações superficiais, como dados

biográficos, obras escritas, ou algum outro dado, mas quanto ao estudo de um conceito filosófico ou período histórico, é importante orientar o estudante a procurar um material mais consistente, verificando sua procedência e a experiência do autor naquele tema. Além, disso, mesmo quando boas fontes são utilizadas, é preciso fornecer orientação quanto ao uso de citações diretas e indiretas de modo adequado, para que não ocorra uma apropriação inadequada de um texto lido.

É importante também valorizar o acesso que a Web permite a vídeos de aulas de outros professores e pesquisadores disponibilizados no Youtube e em websites como o *coursera*⁴, por exemplo, onde é possível assistir aulas e cursos oferecidos por professores de grandes universidades americanas e europeias, o que proporciona uma saudável troca de ideias.

Assim, percebe-se que a crítica que Keen apresenta é o de que materiais de qualidade, oferecidos por professores e pesquisadores renomados e fontes primárias de conhecimento possam ser ofuscados pela imensa quantidade de material produzido amadoramente, que em razão de sua simplicidade e na grande quantidade de acesso se tornam os principais materiais oferecidos pelos sistemas de busca criando um conhecimento superficial.

É importante também que seja criada uma consciência dos limites dos acessos às informações, pois podemos adentrar em uma espécie de “pressa pelo conhecimento” ao nos depararmos com uma enorme quantidade de material e dedicarmos pouco tempo a cada um deles, fazendo leituras superficiais e apressadas com o intuito de aproveitar o máximo possível do material disponível, comprometendo assim a qualidade do aprendizado. Essa pressa é verificável pela impaciência com que muitos estudantes já manifestam em estudar, ler um livro inteiro, ponderar cada premissa dos argumentos, querendo saber tão logo a conclusão. Esse é um comportamento influenciado por uma cultura que já é desde os primeiros anos alfabetizada nos velozes fluxos dos meios digitais da televisão e da internet, em que tudo precisa atender a três critérios básicos: ser fácil, rápido e divertido.

É preciso que o estudante tenha a consciência que o processo de educação e obtenção de conhecimentos, principalmente em áreas como a filosofia, nem sempre segue os critérios do fluxo de informação ou dados da mídia digital. Eles não são inteiramente fáceis, mas antes exigem constante esforço para compreendê-los, leituras diversas, mas concentradas, conhecimento de outros idiomas, reflexão profunda, diálogo com outros pesquisadores. Isso, por sua vez delonga tempo, disciplina e persistência, o que por sua vez nem sempre é divertido ou estimulante. Essa é a diferença básica do estudo e pesquisa acadêmica de um assunto de filosofia quando comparado, por exemplo, com sua discussão em programas de televisão, Wikipédia, vídeos amadores no Youtube, etc.

O uso consciente dessas fontes deve ser encorajado, para que a inteligência coletiva seja realmente algo que nos auxilie a crescer mutuamente em espaços colaborativos e não naufragar nesse dilúvio de informações.

⁴ www.coursera.com

Como se pode observar, essa cultura digital tem suas vantagens e desvantagens, contudo, ressalta-se que apesar de as questões levantadas por Andrew Keen serem pertinentes, a maior parte desses problemas se dá devido ao mau uso da Web e uma supervalorização da inteligência coletiva. Valorizar o conhecimento de cada um é importante, contudo, é imprescindível perceber que há diferentes graus de conhecimento e aprofundamento de um assunto, de modo que o que sugerimos é a educação dos estudantes para a pesquisa em fontes confiáveis do ponto de vista acadêmico.

Os blogs, Wikipédia, google, etc. podem ser utilizados, contudo, devem ser ferramentas apenas para ter uma visão extremamente geral ou inicial de um tema, e não com a pretensão de ser uma fonte primária de pesquisa para se obter um conhecimento aprofundado e suficiente do que se pretende saber. Esse é um grande desafio no ensino a distância: ensinar os estudantes a discernir o que vem da outra “arca” que nos interessa e o que deve ser lançado às águas tortuosas desses oceano de informação.

Como bem salienta Lèvy:

“A Inteligência coletiva que favorece a cibecultura é ao mesmo tempo um *veneno* para aqueles que dela não participam e um *remédio* para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes”. (LÉVY, 2010, p. 30)

O desafio é realmente, controlar a própria deriva, o que se só se dá a partir do uso consciente das fontes pesquisadas e evitando a mera apropriação dos conteúdos da inteligência coletiva de outros contextos, para que, ao invés de um aumento da inteligência coletiva não ocorra um aumento na alienação coletiva e na superficialidade do pensamento, que tanto se contrapõe ao exercício filosófico.

Referências Bibliográficas

- KEEN, Andrew. *O Culto do Amador*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- CARR, Nicholas. *A Geração Superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros*. Trad: Mônica.G.F. Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- PACHECO, Anelise. *Das Estrelas Móveis do Pensamento: ética e verdade em um mundo digital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.